

“Sem sequer dizer adeus”¹: análise linguística do desabafo de sujeitos coibidos do momento da despedida funérea

Viviane Faria Lopes

Universidade Estadual de Goiás. Campus Formosa. Goiás, Brasil
<http://lattes.cnpq.br/2373124294060117>
professoravivianefaria@yahoo.com.br

DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.3957761>

Recebido / Recibido / Received: 2020-05-31

Aceitado / Aceptado / Accepted: 2020-06-26

Resumo

O propósito principal desta investigação foi o de averiguar de que modo o refreio da exteriorização expressiva pode afetar o sujeito, tendo a manifestação comunicativa, em determinados eventos, como parte essencial do comportamento cultural e emocional. Tomando por objeto de análise o desabafo de entes que tiveram seu pronunciamento de despedida vetado, por conta do surto epidêmico provocado pela COVID-19, no ano de 2020, investigou-se a linguagem, enquanto prática social, e sua forma de interação interpessoal de alto préstimo afetivo e historicamente construída. Como as medidas sanitárias têm imposto um comportamento atípico em relação ao tratamento dos pacientes e ao sepultamento dos falecidos pela moléstia em questão, a expressão locucional, enquanto uma construção social, por estar coibida, tem afetado emocionalmente os familiares. Sendo o impedimento expressivo um nocivo agravador da forma de (re)pensar do indivíduo, já que seu domínio propaga-se socialmente e reforça seu estado no mundo, esta pesquisa balizou-se em teóricos da sociologia, da linguagem e da psicologia, para promover uma análise do conhecimento comunicativo enquanto componente necessário.

Palavras-chave: Coibição, Coronavírus, COVID-19, Despedida, Emoção, Linguagem.

1 Verso do poema *Apelo*, de Vinicius de Moraes (1913-1980).

“Sem sequer dizer adeus”: linguistic analysis of the venting of the subjects restrained at the time of the funeral farewell

Abstract

The main purpose of this investigation was to find out how the restraint of expressive exteriorization can affect the subject, having the communicative manifestation, in certain events, as an essential part of cultural and emotional behavior. Taking as an object of analysis the outburst of entities that had their farewell pronouncement vetoed, due to the epidemic outbreak caused by COVID-19, in 2020, language was investigated, as a social practice, and its form of interpersonal interaction of high affective service and historically constructed. As the sanitary measures have imposed an atypical behavior in relation to the treatment of the patients and the burial of the deceased by the disease in question, the locational expression, as a social construction, being restrained, has emotionally affected the family members. As the expressive impediment is a harmful aggravating factor of the individual's (re) thinking, as his domain spreads socially and reinforces his state in the world, this research was guided by theorists of sociology, language and psychology, to promote an analysis of communicative knowledge as a necessary component.

Keyword: Coronavirus, COVID-19, Emotion, Farewell, Language, Restraint.

“Sin siquiera decir adiós”: análisis lingüístico del alivio de los sujetos cohibidos en el momento de la despedida fúnebre

Resumo

El propósito principal de esta investigación fue averiguar de qué manera la contención de la exteriorización expresiva puede afectar al sujeto, considerando la manifestación comunicativa, en determinados eventos, como parte esencial del comportamiento cultural y emocional. Teniendo por objeto de análisis el alivio de los individuos que tuvieron su expresión de despedida vetado, debido al efecto epidémico provocado por la COVID-19 el 2020, se investigó el lenguaje, además de la práctica social, y su forma de interacción interpersonal de alto uso afectivo e históricamente construida. Como las medidas sanitarias han impuesto un comportamiento atípico para el tratamiento de los pacientes y el entierro de los fallecidos por la molestia en cuestión, la expresión de alocución, durante una construcción social, por estar cohibida, afecta emocionalmente a los familiares. Siendo el impedimento expresivo un agravante nocivo de la forma de (re) pensar del individuo, ya que su dominio se propaga socialmente y refuerza su estado en el mundo, esta investigación se basa en teorías de la sociología, del lenguaje y de la psicología, para promover un análisis del conocimiento comunicativo como componente necesario.

Palabras clave: Coibição, Coronavirus, COVID-19, Despedida, Emoção, Linguaje.

1 Introdução

Esta pesquisa tem como escopo central a investigação psicolinguística de como a língua(gem) pode afetar um meio social e interferir na emoção das pessoas, tendo, como objeto principal de análise, o refreio da manifestação expressiva. Esse viés analítico caracteriza-se pelo intuito de revelar a importância sociocultural da manifestação da comunicativa, em determinados eventos, avaliando como a coibição das palavras pode promover efeitos psíquicos danosos e consequências emocionais que virão a acarretar adversidades sociais.

No momento em que o mundo passa, no ano de 2020, por uma pandemia viral que tem infectado e dizimado milhões de pessoas, as medidas sanitárias têm imposto um comportamento atípico em relação ao tratamento dos pacientes e ao sepultamento dos falecidos pela moléstia em questão. Tais procedimentos, que visam a impedir o maior alastramento do vírus, têm afetado diretamente o psicológico das vítimas e dos familiares, tendo em vista que o enfermo deve ficar isolado de qualquer contato, bem como o falecido terá seu enterro feito com o caixão lacrado e sem direito a velório ou qualquer outro rito mortuário.

Ainda que esteja propenso a várias mudanças, sendo, assim, investindo sempre em novos formatos experienciais, o ser humano possui valores que lhe foi arraigado por seu contexto histórico, cultural e, até mesmo, religioso. Apesar de a linguagem estar em constante mudança e promover, no indivíduo, uma evolução junto à forma de interpretar sua expressão no e do mundo, as manifestações discursivas sentimentais revelam, também, a conservação de construtos mentais, de um modo de (se) entender, num âmbito mais aprofundado, mediante sua expressão verbalizada durante os tormentos emocionais agonizam e transtornam.

Sendo a expressão locucional uma construção social, seu impedimento pode ser capaz de interferir na forma de (re)pensar do indivíduo, já que seu domínio propaga-se socialmente e reforça seu estado no mundo. Desse modo, ao examinar o desabafo de entes que tiveram seu pronunciamento expressivo de despedida vetado, por conta do surto epidêmico, é possível se investigar a linguagem, enquanto prática social, e a representação de seus valores efetivamente ativos, sendo responsáveis por formas de interação interpessoal de alto préstimo afetivo e cultural.

2 “Porque tudo que é vivo, morre”²

A morte é um processo irreversível de interrupção do funcionamento biológico, o qual caracteriza a continuidade da organização primária do sistema vital. A derrogação do vigor promove a decomposição dos recursos impulsionadores, por conta da cessação das atividades bioquímicas, colocando o corpo a iniciar um processo de deteriora-

2 Excerto de uma fala de Chicó, personagem da obra *O auto da Compadecida*, de Ariano Suassuna (1927-2014).

ção orgânica – a putrefação, que impele a emissão de um odor nauseante, liberado pelas rupturas dos tecidos corporais. Apesar de natural e de assinalar a derradeira etapa dos seres vivos, esse decurso involuntário acarreta incômodos físicos aos acompanhantes e, por isso, é necessário que o corpo sucumbido tenha um destino apropriado, de modo a não prejudicar aos que permaneceram, quer seja pelo cheiro pestilento, quer seja pela própria imagem da degeneração carnal de uma pessoa querida.

Palavra oriunda do latim³, a morte é o falecimento, o passamento do ser antes vivo, a finalização da existência terrena junto aos demais. Dentre os seres humanos, é abordada de forma diferente, a depender da cultura e da crença dos envolvidos emocionalmente com o decesso, o que virá a suscitar reações e solenidades das mais diversas pelo mundo (CHIAVETATO, 1998). Desenrolados através da história, esses costumes fúnebres apresentaram alterações expressivas nos últimos séculos, já que os arquétipos que embasavam os eventos mortuários possuíam determinados valores de naturalidade e recorrência admissível até o século XIX, o que leva a possíveis ponderamentos quanto às conjecturas que motivaram reações generalizadas de inaceitação (HENNEZEL, 2006). Porém, de qualquer modo, Maranhão (1996) observa que, ainda que sejam condutas resultantes de momentos históricos específicos, vindo, portanto, a variarem de acordo com o contexto em consulta, morrer não é um episódio unicamente biológico, mas, ainda, um processo configurado socialmente.

Apesar de não apresentar evidências científicas quanto à continuidade da consciência após o falecimento, Combinato & Queiroz (2006) ressaltam que os seres humanos apegam-se às variadas crenças devocionais existentes, com a finalidade de se consolarem das perdas por meio da esperança na existência de um tipo de vida que seja posterior à morte. Como uma espécie de continuidade à presença na terra, o destino humano estaria conectado à permanência de sua alma, considerada imortal, marcando convicções que se pautam em ressurreições ou reencarnações, por exemplo, e, por sua vez, contrariando os conceitos científicos que apontam para a finalização completa da laboração mental com o perecimento do indivíduo.

Alastrados pelo planeta, os membros da espécie humana, em suas confluências de hábitos e costumes, sustentam cerimônias de óbito de forma variada, tanto no procedimento do evento, quanto no anúncio emocional. Segundo Chiavetato (1998), os restos mortais podem ser enterrados ou cremados; os presentes realizarão um festejo comemorativo, uma reunião pesarosa, ou cenas de notória lamúria; os acompanhantes fúnebres usarão vestimentas pretas, como sinal de luto, brancas, como registro de sentimento de paz, ou, ainda, vestir-se-ão com trajes coloridos, de tonalidades vivas e alegres; o ambiente será completamente silencioso, com músicas religiosas que transmitam quietude, ou com baladas que busquem animar os participantes. Essas são algumas das particularidades que podem distinguir as solenidades enlutadas, o que exemplifica, em parcela fracionária, as distinções possíveis das condutas realizadas pelo mundo, como produtos decorrentes dos preceitos religiosos, culturais e sociais.

País da África Ocidental, a República do Gana possui um funeral que destoa dos que acontecem no Brasil, chegando a apresentar um comportamento considerado díspar diante do sentimento de comoção que normalmente é vivido na maioria dos países. Ao invés da contrição esperada pelos presentes da cerimônia, o cortejo ocorre com homens vestidos de terno e óculos escuros, segurando o caixão enquanto dançam ao

3 *Mors, mortis*, f. morte; cadáver; sangue.

som de uma música animada, evidenciando que, nesse contexto cultural – bem como em outras localidades desse continente –, a morte é compreendida em outra configuração conceitual (SOARES, 2020). Religiões da matriz africana conjecturam o funeral como um momento de engrandecimento da vida que o finado teve, o que não pode ser exaltado somente com padecimento ou perda; ao contrário, deve-se celebrar os feitos da pessoa enquanto vivente, entendendo que sua morte é um rito de regresso à sua gênese, e não um encerramento da existência (HASTY, 2005).

Os carregadores de caixão, chamados de *pallbearers*, são contratados pela família do finado, que escolhem essa despedida como um modo de homenagear o defunto com um espetáculo, onde é promovida a disposição dos participantes do cortejo com uma coreografia animada (MARTÍNEZ, 2020). Ainda de acordo com reportagens, a cerimônia fúnebre pode ter duração de até sete dias, acompanhada por pessoas ajacadas em vestes coloridas e joias caras, que nomearam a celebração mortuária de “viagem dançante para o criador” (SOARES, 2020).

Diferentemente da concepção mencionada acima, o Brasil conserva uma perspectiva distinta diante do falecimento, apresentando uma interpretação simbólica do óbito que se caracteriza por aspectos com significados e valores que assestam para o fracasso, a impotência e a vergonha (COMBINATO; QUEIROZ, 2006). Por isso, é comum que se relacione, metaforicamente, determinados insucessos à percepção de morte, como a separação conjugal, o desemprego, a doença e a detenção em cárcere. Tais ocorrências, por gerarem rupturas, em alguma dimensão, podem avivar sensações que se aproximam às experienciadas em fenechos funestos.

Por ser uma interrupção de afetos, a morte é, na cultura brasileira, alicerçada em aspectos religiosos, com o processo de luto expressado em reações emotivas de perda que se cumprem por meio de costumes seguidos pelos familiares, já há décadas:

fechavam as janelas, acendiam as velas, aspergiam água benta pela casa, cobriam os espelhos, paralisavam os relógios. Os sinos dobravam. [...] Com os dedos das mãos entrelaçados e envoltos por um rosário, o defunto ficava exposto sobre uma mesa e, durante dois ou três dias, seus parentes e amigos, com vestimentas de luto, desfilavam diante dele para o último adeus. (MARANHÃO, 1996, p. 8).

Assim, envolto por insígnias demarcadoras de religiosidade, o defunto é velado e chorado por aqueles que denotam sentir o vazio deixado por sua ausência. Por ser um vínculo rompido abrupta e involuntariamente, sua partida deve ser marcada pela inconformação dos que ficam, independentemente de sua idade, afinal, o falecido foi amado, foi parte de um grupo familiar e social, o que o torna um ser afetivo de valor insubstituível.

Diante dessa perspectiva quanto ao pesar que a ausência definitiva de uma pessoa pode provocar, deve-se considerar os momentos que antecedem o desenlace como necessários para a suspensão dos vínculos. Tendo em vista que o finamento afeta psicologicamente o enlutado (PARKES, 1998), faz-se importante – e possivelmente imprescindível – a possibilidade de uma despedida afetiva quando a morte não é provocada por episódios abruptos. Estudos psicológicos evidenciam que a aproximação entre o ente e o enfermo, por exemplo, é uma circunstância contextual que intervirá emocionalmente no enlutado após a partida da pessoa amada, auxiliando-o a lidar de forma mais adequada com a situação (FARAJ [et al.], 2013).

Resultantes de uma constituição contextual e historicamente marcada, a forma de pensar e agir de um indivíduo denota papéis e deveres oriundos de uma motivação interna, porém, influenciada por requerimentos externos. As simbologias sociais fazem-se como doutrinas a integrarem a apreensão subjetiva, criando uma realidade de conduta que passa a ser exigida intimamente. “Somente num sentido muito limitado o indivíduo cria por si mesmo um modo de falar e de pensar que lhe atribuímos. Ele fala a linguagem de seu grupo: pensa do modo que seu grupo pensa” (MANHEIM, 1986, p. 30-31). Por isso, o ato de despedir-se de uma pessoa a quem se tem afeto é, social e psicologicamente, colocado como apropriado e avaliado como encargo, chegando a pautar a conduta moral e devidamente aprovável do sujeito de princípios.

De todas as realidades que se reconstruem no indivíduo, a morte pode ser considerada a mais dura e, de modo geral, a mais inclemente em efeitos emocionais, por evidenciar a interrupção definitiva, ainda que se venha a crer, com embasamentos religiosos específicos, em uma vida após o perecimento carnal. Verifica-se que “a experiência da morte dos outros e, conseqüentemente, a antecipação da sua própria morte estabelece a situação limite por excelência para o indivíduo” (BERGER; LUCKMANN, 2002, p. 138). Na cultura brasileira, a partida antecipada pela despedida afeiçoada e pela confissão de uma saudade vindoura simboliza a importância que o futuro ausente demarca na existência dos que ficam e, portanto, valoriza sua biografia e robustece sua memória, seu registro enquanto ser vivente.

Dizer adeus traduz-se em confirmação de importância existencial e, de igual modo, ameniza a ameaça que a morte constitui para a realidade experiencial que se pauta em sofrimento, em ruptura não desejada. As declarações quanto à importância que o enfermo possui na vida dos que ficam é, também, uma maneira de confirmar a simbologia de uma permanência etérea e, todavia, similarmente perdurável, após seu passamento. Ainda, há os que se utilizam dessa oportunidade para quitar atitudes indevidas e buscar remissões, tanto como uma forma de garantirem uma absolvição divina, quanto como um modo de aliviar sobrepesos sentimentais de amarguras guardadas (HENNEZEL, 2006).

Portanto, a declaração da despedida é, em um certo aspecto, um demarcador de prosseguimento de consolação para as duas partes e clarifica que sua simbologia carrega representações sociais e subjetivas. A lamentação junto ao ente estimado e uma gesticulação que possa parecer exagerada, promove, na verdade, uma forma de “desafogar a dor, e tornar suportável o fato da separação” (ARIÈS, 2014, p. 154). Assim sendo, se a tristeza se manifesta a depender do tempo, do lugar e da crença no que há de vir após a morte (MARTINUZZO; SANGALLI, 2019), o afeto experienciado pelos que permanecem existindo no plano da realidade física mostra-se fortalecido quando existe a oportunidade da exposição verbalizada no momento da partida.

3 “Não aprendi dizer adeus”⁴

Tendo por compleição um conjunto de signos representativos de sentido, a língua é um sistema simbólico complexo de emissão, com mecanismos que gerenciam as combinações para a efetivação dos intercursos sociais. Por sua vez, a linguagem vem

4 Título de uma canção composta por Joel Marques (1952).

a ser a capacidade de aquisição e utilização desse sistema dialógico de signos, com intenção comunicativa de transmissão de ideias e sentimentos, tanto em modalidade oral, quanto em escrita e multimodal. É a “linguagem que torna possível o desenvolvimento de uma língua no indivíduo”, surgindo e aprimorando-se em épocas específicas e dependendo de “uma língua em uso no ambiente, que sirva de gatilho para o início do processo” (ROSA, 2018, p. 135).

Por estar em constante (re)construção, as modalidades linguísticas resultam do contexto, o qual, ainda, depende do construto histórico de tempo, lugar, nível de escolarização, entre outros, objetivando a promoção na melhoria das relações compartilhadas e no registro dos eventos a se desenrolarem em formato relacional. Sendo “um sistema para expressar o pensamento” (CHOMSKY, 2006, p. 93), a língua, compreendida como código para a comunicação, seria uma produção interativa da capacidade linguística, sujeita a “convenções necessárias, adotadas pelo corpo social, a fim de permitir o exercício” dessa competência por parte dos interlocutores (SAURRURE, 2006, p. 25).

Os estudos de Pinker (1995) registraram que, ao aprender a língua materna, uma criança apropria-se, também, do modo de pensar dos progenitores, o que viria a reproduzir a cultura contextual. Tal análise, no que lhe concerne, corrobora as pesquisas de Whorf (1956), que ponderam ser a língua um determinante do modo de captar a realidade e, por sua vez, um condutor da atividade mental, assim como asseveram inquirições na área da psicologia cognitiva:

é mais plausível que condições ambientais diferentes influenciem as coisas sobre as quais as pessoas pensam, e isto por sua vez influencie o seu uso da língua. Assim, estas diferenças ocorrem mais porque o pensamento influencia a linguagem do que porque a linguagem influencia o pensamento (EYSENCK; KEANE, 2007, p. 309).

De acordo com os apontamentos dos psicólogos acima, as circunstâncias espaciais nas quais a pessoa se encontra inserida interferirão em suas representações mentais e, por sua vez, promoverão intervenção direta ou indireta em suas expressões comunicativas. Tal apreciação aponta para esse sistema de comunicação como uma organização linguística que possui a necessidade de conservação ou de adequação, a depender das influências e necessidades culturais eventuais, confirmando que vem a ser mais do que uma verbalização interativa, ou seja, que a linguagem expressa a reprodução de pensamentos conservadores ou, ainda, transgressores.

O emissor do discurso falado, por sua vez, manifesta a linguagem como resultado do que já se encontra imerso em seu inconsciente, com significantes e significados formados por suas relações (LACAN, 1987). Consoante as pesquisas de Lacan (1987), a linguagem é uma conjuntura advinda do inconsciente, afinal, os posicionamentos são definidos mediante pressuposições acondicionadas em conceitos psíquicos recônditos, à espera de serem desencadeados por arroubos expressivos.

Para Mussalim e Bentes (2001), “o sujeito não é livre para dizer o que quer, mas é levado sem que tenha consciência disso” (MUSSALIM; BENTES, 2001, p. 110), o que aponta para a percepção de que o indivíduo socialmente construído comportar-se-á sob a ingerência da verbalização de outros, levando-o a assumir atitudes de reação que seriam inevitáveis, diante de que é exposto. Se uma determinada pessoa, então, transige em conformidade ao ambiente no qual se incorpora, submetendo-se

às palavras/atitudes de outros, as emoções, por sua vez, seriam ativadas, ainda que inconscientemente, por ações externas, induzindo o ser social a respostas resguardadas, determinadas por sua conformação cultural, já que podem conter a “base de uma classificação natural (personalidades verdadeiras ou falsas, harmônicas ou românticas, etc.)” (LACAN, 1987, p. 21).

Com o transcorrer do tempo, os símbolos linguísticos, em seus signos e significados, são inovados, transformados ou, ainda, extintos, a depender da frequência necessária de seu uso comunicativo, já que a língua é um construto funcional que se adapta às evoluções interativas. De acordo com Fairclough (2001, p. 17), “a interpretação é uma questão de entendimento – entendimento do que expressam as palavras, orações ou extensões mais longas de texto, do que os falantes ou escritores querem dizer (o que envolve atribuições problemáticas de intenções)”. Dessa forma, faz-se necessária a análise da acepção de um dado símbolo de acordo com sua colocação social, quer seja no tempo, quer seja no espaço, tendo em vista, ainda, as concepções culturais de crença e valores que o cercam.

Por ser o estudo sincrônico ou diacrônico do sistema linguístico, voltado à significação e interpretação dos componentes das sentenças comunicativas, a semântica é uma ciência linguística voltada ao sentido das palavras segundo seu papel textual. De acordo com Lyons (1987, p. 139), “o comportamento linguístico normalmente é intencional. Mesmo as declarações científicas, frias e racionais, cujo significado expressivo é mínimo, normalmente tem por objetivo fazer amigos e influenciar pessoas”, o que denota que, em sua potencialidade, as expressões linguísticas causam impacto nos interlocutores, conduzindo-os a (re)ações que demonstrem a capacidade hegemônica do sentido, que dependerá do meio social em que se manifesta.

O conhecimento semântico, portanto, está voltado à interpretação das sentenças de uma determinada língua, além de observar a “capacidade de combinar os sentidos e trazer novos significados, valendo-se de ter, ainda, o conhecimento implícito presente subjetivamente em cada indivíduo” (SILVA, 2019, p. 16). Não obstante, Fairclough (2003) avalia que os “agentes sociais não são ‘livres’, mas, sim, socialmente restritos, e que suas ações não são, na totalidade, socialmente determinadas”, constatando que esses agentes têm seus próprios ‘poderes causais’, e que não são reduzíveis aos poderes causais das estruturas e das práticas sociais (FAIRCLOUGH, 2003, p. 20).

Diante disso, faz-se necessário considerar que a análise semântica excede a simples interpretação significativa pontual de uma sentença, podendo, portanto, promover a averiguação de um sentido em seu meio social. Considerando que a comunicação está relacionada à geração de conceitos a respeito de conjecturas existentes internamente e intermetidas socialmente, perscrutar os significados psicológicos de expressões e, igualmente, buscar diluir suas intenções comportamentais compõem o espaço de investigação de significação simbólica das expressões linguísticas.

Possuidor de uma elevada capacidade interpretativa, o ser humano tem suas ações a gerarem resultados variados, cujos significados podem promover benefícios ou prejuízos ao seu convívio. Em função disso, a emoção expressada clarifica bastante a respeito dos pensamentos guardados, porquanto, “se a emoção é um movimento, o seu desencadear está enraizado na motivação que, de alguma forma, dá o potencial energético para que se estabeleçam os comportamentos” (GIL, 2010, p. 297). Importa averiguar que “os pensamentos e as ações do ser humano resultam do uso de função cognitiva e de processos emocionais cujo desdobramento se interpreta” (GIL, 2010, p.

297), afinal, o modo de viver e de revelar as emoções, além das atitudes no ato de escolha, demarcam os traços da personalidade.

Se acordo com os estudos de GIL (2010):

As funções instintivas têm, portanto, uma ligação com a vida emocional. Mas, de maneira geral, a resolução tem uma tensão, a busca de uma satisfação expressa os laços que unem os componentes motivacional e emocional dos comportamentos. Pois a energia motivacional não se limita a saciar as necessidades biológicas fundamentais: ela também estimula comportamentos mais elaborados. (GIL, 2010 p. 297).

O autor registra que o sujeito social tem um determinado instinto a orientar suas ações, por ser um animal pensante e reflexivo, o que torna diferenciado dos demais. Enquanto componente de um grupo maior, ele traz consigo uma identidade, uma percepção e um comportamento individual, que se diferencia e, ao mesmo tempo, coaduna-se aos demais (SILVA, 2019). Ações com excessiva expressão emocional devem ser avaliadas na perspectiva científica, já que, além de proporcionarem agonias sentimentais, resultam em incapacidade de ação coerente, fazendo com que indivíduos ajam sem repressões sociais e, assim, encontrem-se propensos ao domínio de sentimentos nocivos e, até mesmo, doenças e transtornos psíquicos.

As emoções que integram uma pessoa são diferenciadas de sujeito para sujeito, ainda que provenham de uma mesma fonte cultural e contextual, afinal, a ação é guiada pela emoção que se vivencia no momento, porque esses mesmo sujeitos são dominados, na maioria das vezes, por suas sensações de raiva, tristeza, alegria, entre outras. A esse respeito, Ekman aponte que

Não nos emocionamos com tudo; não estamos sob o domínio das emoções todo o tempo. As emoções vão e vêm. Sentimos uma emoção em um momento e podemos não sentir nenhuma em outro. Algumas pessoas são bem mais emocionais que outras, mas, mesmo as pessoas mais emotivas têm momentos em que não sentem nenhuma emoção. (EKMAN, 2011, p. 36)

O psicólogo avalia que os seres humanos são capazes de apresentar isenção emocional a depender do contexto e, por sua vez, revelarem o quanto o sentimento pode ser diverso. Para Ekman (2011), a psicologia confirma que a emoção é uma definição do ser humano, revelando-o enquanto animal constituído de relações sociais que o impulsionam e, ao mesmo tempo, reprimem. Deve-se avaliar que “a imaginação é ainda outro meio de provocar uma reação emocional. Se usarmos a imaginação para criar cenas que sabemos que nos emocionam, poderemos ser capazes de suavizar um gatilho” (EKMAN, 2011, p. 50). Assim, subjetivamente, é possível se interpretar fatos presenciados de forma distinta a que outros o fizeram, recombinao o que foi visto a memórias sensitivas anteriores, o que pode levar a atitudes impulsivas, com ações não racionalmente previstas.

As pesquisas psicolinguísticas evidenciam a importância do estudo da expressão das emoções enquanto ações individuais e coletivas, referenciadas pelo ambiente e pela influência cultural, estando constantemente ligadas ao sujeito enquanto ser biológico e social. Importa, assim, considerar que “as emoções mudam nossa forma de ver o mundo e de interpretar as ações das outras pessoas, apesar de não procurarmos

descobrir porque sentimos determinada emoção. Em vez disso, procuramos confirmá-la” (EKMAN, 2011, p. 56). A capacidade de avaliar os processos internos, de forma consistente, gera a oportunidade de ações mais sensatas e, desse modo, mais adequadas ao que é esperado de um ser racionalmente cultural e inteligente.

Portanto, o exame da exposição de dor intensa diante da perda, enquanto simbologia de uma necessidade de expressão linguística de desafio sentimental, respalda a interferência social desse evento emotivo, diante da realidade de tais manifestações de padecimento para com a ruptura do vínculo outrora firmado. De acordo com os estudos da psicologia, sentimentos não gerados por experiências factuais, direcionando a percepção do ato para a construção de memórias que se tornarão concretas na mente do sujeito e embasarão futuras (re)ações a eventos emotivos. Assim, importa avaliar que interpretações desconcertadas da realidade, em impulsos reativos inadequados, fazem-se justamente em consequência de atitudes movidas por desmesuradas emoções, e, assim, pautadas em ações afetivas e psicologicamente acentuadas.

4 “E eu nem lhe ouvi o alento derradeiro!”⁵

O ano de 2020 ficará maculado por uma infeliz transformação que abalará sua estrutura em diversos – ou, talvez, em todos – os aspectos que planeiam a sociedade contemporânea. No dia 31 de dezembro de 2019, a OMS (Organização Mundial da Saúde) emitiu o que seria o primeiro alerta sobre a doença que surgiu na China, com sintomas de uma pneumonia mais grave que a comum (G1, 2020). Ainda de acordo com a reportagem do G1, o novo vírus faz parte de uma variação da família coronavírus, vindo a ser nomeado oficialmente pela OMS como COVID-19, em 11 de fevereiro de 2020. Em seguida, a Organização decretou estado de emergência global para uma epidemia viral, já que se tratava de um evento extraordinário de gravidade pública internacional, com risco para a saúde em outros países devido à ampla propagação e exigindo uma ação coordenada por parte de dirigentes e cidadãos (G1, 2020).

A Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS) registrou, em sua página oficial, que, no dia 30 de janeiro de 2020, OMS declarou que

o surto da doença causada pelo novo coronavírus (COVID-19) constitui uma Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional – o mais alto nível de alerta da Organização, conforme previsto no Regulamento Sanitário Internacional. Em 11 de março de 2020, a COVID-19 foi caracterizada pela OMS como uma pandemia. (ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE, 2020).

Os registros da OPAS assentaram que, até o dia 29 de maio de 2020, foram confirmados 5.701.337 casos de COVID-19 no mundo, com 357.688 óbitos comprovados. Ainda de acordo com o sítio eletrônico, tanto a OPAS quanto a OMS “estão prestando apoio técnico ao Brasil”, quanto à preparação e resposta ao surto, firmando diariamente ações do Ministério da Saúde do Brasil desde o mês de janeiro de 2020 (ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE, 2020).

As pessoas infectadas precisam de ficar isoladas das que não apresentam sintomas da doença, de modo a coibir o alastramento viral. Por isso, os pacientes não podem ter acompanhantes nos quartos hospitalares ou nas alas clínicas, independente-

5 Verso do poema *A meu pai morto*, de Augusto dos Anjos (1884-1914).

mente de as instituições serem públicas ou privadas. Os familiares, por sua vez, permanecem do lado de fora dos estabelecimentos, aflitos por notícias dos parentes que estão internados e devidamente isolados dos enfermos que carregam outro tipo de moléstia (O DRAMA..., 2020).

No Brasil, o “ato de acompanhar um parente no hospital sempre foi muito comum”, tendo as famílias a fazerem “revezamento para não deixar o paciente sozinho, principalmente quando ele é mais idoso ou quando se trata de criança e jovem” (O DRAMA..., 2020). Todavia, no caso dessa doença, até mesmo as visitas são coibidas, pois o isolamento é imprescindível para tolher o contágio, que apresenta demasiada celeridade (NASCIMENTO, 2020). Essa restrição, por sua vez, fere diretamente o comportamento afetivo no brasileiro, que já é marcado, outrora, por uma ternura irrefutável, além de “um misticismo quente, voluptuoso, de que se tem enriquecido a sensibilidade, a imaginação e a religiosidade” (FREYRE, 1963, p. 165), além da cordialidade, vista como “característica essencial”, bem como a gentileza e a pacificidade notoriamente reconhecidas pelas outras nações (RIBEIRO, 1995, p. 167-168).

Refreados da manifestação de apreço que comumente é devotada ao ente benquisto, principalmente em momento de debilitação, os brasileiros têm amargado a apartação e a sentida com ainda maior intensidade tormentosa se o parente combalido vem a óbito. A consternação lancinante se faz porque, além de haver sido impedido de ofertar consolo emocional ao enfermo, o sujeito, ainda, foi baldado do momento de despedida, tendo em vista que a morte promoveu uma separação sem recessão, ou seja, definitiva.

Com entendimento conceitual embasado em concepções sociais firmadas em contextos ambientais e temporais, a despedida é um ato simbólico de apartamento físico, que pode registrar uma ação cogitada com antecedência ou, ainda, um ato que antecede uma separação avessa à vontade dos envolvidos. De qualquer forma, virá a condensar simbologias significativas, cujos preceitos envolvem sentimento, normalmente, de afeição e saudade póstera.

Para validar as conceituações teóricas que esta pesquisa elencou em suas seções anteriores, serão colocados, a seguir, quatro desabaços de brasileiros que perderam entes estimados durante a pandemia que assolou o mundo e, portanto, tiveram o momento do adeus obstruído. Os depoimentos emotivos foram recolhidos de meios de comunicação de notícia devidamente registrados e amplamente conhecidos, veiculados durante a ocorrência do surto epidêmico.

A entrevista (1) foi feita no Cemitério Parque das Flores, que se localiza no bairro de Tejipió, da Zona Oeste do Recife, pela sobrinha de duas das vítimas falecidas no intervalo de três dias. Já a declaração (2) aconteceu em um dos cemitérios do Rio Grande do Norte, pela irmã do falecido, que trabalha como jornalista em Natal. Por sua vez, o desabaço (3) é de um professor universitário que perdeu o pai para o coronavírus, quando internado em um hospital de Fortaleza; ele recebeu uma ligação do hospital comunicando o óbito e avisando que precisaria retirar o corpo o mais breve possível. Já o depoimento (4) foi emitido pelo melhor amigo da vítima, em entrevista feita no Cemitério em Vila Formosa, de São Paulo.

Consideremos as declarações:

- 1) “A gente queria ver pelo menos pela última vez. Nem esse direito a gente tem. Pelo menos pelo vidro, assim... Mas não deixam ver, não. Parece indigente.” (TV JORNAL, 2020).

- 2) “Meu irmão, Luiz Alves, técnico em enfermagem e socorrista do Samu, foi a terceira vítima do estado. Não tivemos nem o direito sagrado de uma despedida, de velar seu corpo, de nos abraçarmos, de acolhermos uns aos outros, de um simples adeus, ou até logo. O velório está sendo até hoje dentro de cada um de nós.(...) O mais cruel de tudo isso é que não temos nem o direito ao silêncio do recolhimento do luto, pois todos os dias outras pessoas estão sofrendo e perdendo pessoas amadas pela mesma causa.” (CECI, 2020).
- 3) “Todo processo é muito traumático. Não basta a morte, você não consegue fazer o mínimo que se faz sempre para se despedir. (...) É algo muito chocante para a família, porque a gente não consegue sequer dar o ‘adeus’ na UTI. A partir do momento que aquela pessoa entra na UTI, você não tem mais contato, ela desaparece. Você é desligado dela, e nunca mais vai vê-la, nem no enterro. (...) Você é privado de algo em todas as etapas.” (CECI, 2020).
- 4) “Um amigo para tudo. Vou sentir muita falta dele. Por mais que... pode nem se despedir dele. Trinta e cinco anos não são trinta e cinco dias. Muito, muito doloroso...” (LUTO..., 2020).

Ainda que as medidas de afastamento tenham sido efetivadas por motivos sanitários, faz-se necessário averiguar a gravidade psicológica que tais objeções promoveram nos parentes enlutados, analisando seus pesarosos desabaços. Suas composições textuais carregam construtos de exposição sentimental, de induções emocionais e de instigadores psíquicos, tornando possível entendê-las em âmbito interpretativo cuja finalidade seja avaliar o ser humano enquanto agente e vítima social.

Quando a entrevistada (1) expõe “*A gente queria ver pelo menos pela última vez*”, sua expansão oral alia-se à da (2), “*Não tivemos o direito (...) de um simples adeus*”, que se coloca em acordo às palavras do entrevistado (3), quando afirma “*porque a gente não consegue sequer dar o adeus*”, bem como a do entrevistado (4), no excerto “*pode nem se despedir*”. Tais alocações denotam a construção cultural a que os sujeitos se encontram aparados, pois são habitantes do mesmo país, ainda que pertençam a diferentes cidades. Para Fairclough (2001), o discurso pode inferir a pessoa em seu meio social, de modo a revelar seus sentimentos, o que se faz nas palavras dos parentes/amigos em questão, que expressaram a necessidade da saudação final que lhes foi podada e, por isso, reiteraram a melancolia afetiva que os sustenta.

Nos quatro casos apontados, evidencia-se a referência à privação da despedida, evocando sua simbologia cultural e, ainda, religiosa, quanto à ritualística que devota sobre a separação adequada (MARANHÃO, 1996). De acordo com Lyons (1987), a língua tem seus conceitos inseridos nas palavras, o que pode ser verificado nas falas em relação à palavra ‘adeus’, a qual será tomada como equivalente, em sentido, a ‘despedida’. Os enlutados, em questão, experienciam um misto de emoções perturbadoras, que tomam sua paz e não permitem que aceitem a situação como normal, que entendam a morte como uma finalização natural (FARAJ [et al.], 2013).

Ao afirmar “*Parece indigente*”, a entrevistada (1) acentua a gravidade depreendida da situação, avaliando-a como atroz às regras socialmente estabelecidas, do mesmo modo que é qualificado pela entrevistada (2), quando expressa “*O mais cruel de tudo isso é que não temos nem o direito ao silêncio do recolhimento do luto*”. De igual modo, declara essa percepção o professor, em seu relato, no excerto (3), quando diz “*Todo*

processo é muito traumático (...) É algo muito chocante para a família". Tais avaliações, ainda que tenham base emotiva e estão sob a ótica do afeto socialmente estabelecido, apontam para os estudos de Gil (2010), que observa que as emoções trazem variações de sentimentos a todo tempo, sendo submetidas a causas e problemas sociais, que podem, inclusive, apresentar trágicas consequências.

Está certificado, pela situação que a epidemia acarretou, que as pessoas em questão estão vivendo variações sentimentais, que têm abalado seus conceitos sociais e seus costumes, promovendo o desespero da ausência (ARIÈS, 2014). Conforme esclarecem Eysenck e Keane (2007), as emoções podem desencadear sentimentos enraizados, os quais se tornam maléficos para a composição psíquica dos que o sentem, chegando a promover uma interpretação consternada do mundo, com uma profusão de sensações que inundam inapropriadamente os pensamentos.

O desabafo do entrevistado (3) expressa, em uma alocação comovente, a percepção de realidade que os parentes/amigos das vítimas estão experienciando: *"ela desaparece. Você é desligado dela, e nunca mais vai vê-la, nem no enterro. (...) Você é privado de algo em todas as etapas"*. Por ser a morte um fato que fomenta grande dor, a ausência é definitiva e, por isso, pode levar, aos que ficam, um despropósito existencial, afinal, as emoções mudam a forma de ver o mundo e de interpretar os fatos (EKMAN, 2011). Em seus estudos linguísticos, Fairclough (2001) cita que a interpretação do mundo é uma questão de entendimento particular, pautado em concepções individuais e, por isso, promovendo um entendimento que apraz ao receptor, chegando a o impedir de refletir racionalmente sobre o que acontece ao seu redor.

A linguagem, com sua simbologia cultural, causa impactos diversos, os quais podem ser benéficos ou destrutivos, pois está ela sujeita a novas concepções, abrindo sua significação a novos sentidos (LYONS, 1987). Em sua dor, os entrevistados têm dificuldade de refletir sobre a possibilidade de sua despedida física poder lhes trazer um mal maior, chegando a infectá-los, o que poderia, em consequência, atrair um novo significado para a restrição imposta. Porém, essa reflexão não foi, ao menos no momento, possível, já que os "agentes sociais não são 'livres', mas, sim, socialmente restritos, e suas ações não são, na totalidade, socialmente determinadas, o que pode levar o indivíduo a agir sem avaliar as consequências de suas atitudes (FAIRCLOUGH, 2003).

Com o propósito de reafirmar a importância cultural e social que o ato da despedida fúnebre – bem como seus ritos mortuários – escora na sociedade brasileira, será colocado mais um trecho de exposição sobre o assunto, o qual foi subtraído de um extrato de fala de Gregório Duvivier, que apresenta o Programa Greg News, produzido e transmitido pela *HBO Brasil*. O excerto em questão foi veiculado no oitavo episódio da 4ª temporada. Examinemos:

- 5) "Porque uma das coisas mais tristes para os que estão perdendo alguém durante a pandemia é que não dá para velar os mortos, mesmo os que não morreram de Covid. Dói, porque nessas horas a gente precisa desses encontros, dessas cerimônias, para duas coisas muito importantes: a gente ver que morreu, ter uma dimensão real da pessoa, da pessoa que se foi, e se encontrar com todo mundo que também está se despedindo. É nessa hora, que em meio a uma tristeza muito grande, a gente relembra o que essa pessoa significou para todo mundo que segue vivo. Por isso que chorar, lembrar, homenagear e sentir o peso da falta de quem se foi é, no fundo, um jeito de não se render para a morte. Justamente porque a gente dá um jeito de lembrar que pessoas queridas seguem vivas dentro da gente." (GREG, 2020)

As falas do apresentador, transcorridas durante o surto epidêmico no Brasil, auferem as expressões que os entrevistados anteriores anunciaram. Seu discurso reforça a simbologia que uma despedida adequada traz, bem como reitera a importância do sentimento que a perda significa para os entes, ressaltando a dimensão socioemocional dos rituais fúnebres como reguladores de experiências e seguradores da conclusão de etapas, quer sejam físicas, quer sejam afetivas. Ao afirmar “*É nessa hora, que em meio a uma tristeza muito grande, a gente relembra o que essa pessoa significou para todo mundo que segue vivo*”, o comunicador assegura que a finalização adequada promove, nos que ficam, uma forma de honrar a memória do falecido e, ainda, de registrar sua permanência saudosa nos que o tiveram em afeto (FARAJ [et al.], 2013).

Durante a epidemia da Covid-19, vivencia-se um luto complicado e, por isso, esse evento tem desencadeado desordens psíquicas que, provavelmente, levarão familiares das vítimas a buscar por serviços de saúde, já que abalos emocionais profundos prejudicam o sistema imunológico e propiciam maior suscetibilidade a doenças (GIL, 2010). A professora Maria Helena Pereira Franco, que é coordenadora do Laboratório de Estudos e Intervenções sobre Luto da PUC-SP, em entrevista ao jornal *H Hoje em Dia*, explicou que haverá impacto no domínio social, atingindo diretamente as relações familiares, pois, “por não terem a oportunidade de se despedir, podem ficar com a expectativa de que aquela morte não aconteceu, porque não tiveram a concretude da morte que os rituais proporcionam” (AGÊNCIA BRASIL, 2020). Ainda de acordo com a psicóloga, é importante pensar em alternativas e adaptações a esta falta, justamente porque o luto deve ser feito de algum modo, nem que seja por meio de uma reunião virtual com amigos e familiares da pessoa falecida (AGÊNCIA BRASIL, 2020).

Assim, faz-se necessário avaliar a importância dos rituais fúnebres, como cerimônias de função apaziguadora e com o objetivo de uma despedida cabal da realidade. A saudação final, dita e ouvida por aqueles que tiveram, em vida, uma relação afetiva constituída por disposições biológicas, familiares ou, ainda, por alicerces de afeição social, auxilia os entes a usufruírem um conforto, em algum estágio. Portanto, falar, dizer, declarar, expressar em palavras – carregadas de simbologias amorosas e ternas – uma despedida, um adeus, é averbar, emocional e socialmente, que a pessoa não está deixando a vida de qualquer modo, o que firma sua trajetória e testifica seu nome registrado na memória dos sobreviventes.

5 Considerações finais: “Ainda uma vez, adeus!”⁶

As palavras, que resultam de construções linguísticas mentais, transformam-se em ações, por meio das quais consequências impactantes e danosas podem afetar a organização social, graças à sua capacidade transformadora e socialmente influente. O ser humano possui uma forma comunicativa que está constantemente em transformação, pois a língua é construto usual e funcional de uma sociedade, marcando-a em séculos culturais, todavia, é, igualmente, um modo de firmação de símbolos, enigmas, signos e significados. Os sentimentos são, igualmente, linguagem, que se constrói psiquicamente no interior do sujeito, podendo ser, ou não, manifestadas verbalmente (ROSA, 2018), o que aponta para o agravamento emocional do refreio constrangido.

6 Título de um poema de Gonçalves Dias (1823-1864).

A pretensão com este trabalho foi o de avaliar as expressões linguísticas de desabaços sentimentais de pessoas que tiveram seu momento comunicativo impedido, identificando como essa restrição verbal interferiu em seu comportamento emocional e social. A análise desses depoimentos pretendeu, portanto, apontar de que modo a linguagem manifesta uma construção individual ingerida por um contexto cultural coletivo, que promove a ação de acordo com os moldes sociais de um dado momento histórico e cultural.

Assim, buscou-se apontar como a repressão à manifestação emocional, por meio da linguagem, pode afetar o sujeito e interferir no contexto em que se encontra inserido. O aparato teórico, pautado na sociologia, na psicologia e na linguagem, respaldou os exames feitos, bem como contribuiu para interpretar o efeito que a coibição do momento da despedida funérea pode promover nos envolvidos, avaliando os possíveis efeitos psíquicos e sociais que venham a interferir nos sujeitos.

Referências

AGÊNCIA BRASIL. Sepultamento em tempos de coronavírus exige mudança de rituais. **Hoje em Dia**, Belo Horizonte, 26 abr. 2020. Disponível em: <<https://hoje.vc/2wk7y>>. Acesso em: 25 mai. 2020.

ARIÈS, P. **O homem diante da morte**. São Paulo: Editora Unesp, 2014.

BERGER, Peter L. LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2004.

CECI, Mariana. COVID-19 impõe enterros sem velórios e caixões lacrados. *Tribuna do Norte*, Natal, maio 2020. Disponível em: <<http://www.tribunadonorte.com.br/noticia/covid-19-impa-e-enterros-sem-vela-rios-e-caixa-es-lacrados/478906>>. Acesso em: 25 mai. 2020.

CHIAVENATO, J. J. **A morte: uma abordagem sociocultural**. São Paulo: Moderna, 1998. (Coleção Polêmica).

CHOMSKY, N. **Sobre a natureza e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

COMBINATO, D. S.; QUEIROZ, M. S. **Morte: uma visão psicossocial**. *Estudos de Psicologia*, 11 (2), 2006, p. 209-216.

EKMAN, P. **A linguagem das emoções: revolucione sua comunicação e seus relacionamentos reconhecendo todas as expressões das pessoas ao redor**. São Paulo: Lua de Papel, 2011.

EYSENCK, M. W.; KEANE, M. T. **Manual de psicologia cognitiva**. 5. ed. Trad. Madga França Lopes. Porto Alegre: Artmed, 2007.

FAIRCLOUGH, N. **Discurso e mudança social**. 1 ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

FAIRCLOUGH, N. **Analyzing discourse: Textual analysis for social research**. London, New York: Routledge, 2003.

FARAJ, Suane Pastoriza et al. Produção científica na área da Psicologia referente à temática da morte. **Psicol. rev. (Belo Horizonte)**, Belo Horizonte, v. 19, n. 3, p. 441-461, 2013. Disponível em: <<http://dx.doi.org/DOI-10.5752/P.1678-9563.2013v19n3p441>>. Acesso em: 29 mai. 2020.

FREYRE, G. **Casa grande e senzala**. Brasília: Universidade de Brasília, 1963, 4. ed.

G1. **Coronavírus: o que se sabe sobre o novo vírus que surgiu na China**. São Paulo: G1, 27 fev. 2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/02/27/o-que-se-sabe-e-o-que-ainda-e-duvida-sobre-o-coronavirus.ghtml>>. Acesso em: 29 mai. 2020.

GIL, R. **Neuropsicológica**. 4 ed. São Paulo: Livraria Santos Editora, 2010.

GREG News, Temporada 4, Episódio 8: Leveza. Produção: Porta dos Fundos. Intérprete: Gregório Duvivier. São Paulo: HBO Brasil, 2020. Disponível em: <<https://youtu.be/Vs-a4Rs2ygc>>. Acesso em: 19 mai. 2020.

HASTY, J. **The press and political culture in Ghana**. Indiana: Indiana University Press, 2005.

HENNEZEL, M. **Morrer de olhos abertos**. Portugal: Casa das Letras, 2006.

LACAN, J. **Da psicose paranoica em relações com a personalidade**: seguido de primeiros escritos da paranoia. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.

LUTO interrompido: Parentes de vítimas da Covid-19 têm de lidar com as mortes sem despedidas. Produção: Estúdio Abril. São Paulo: Veja, 2020. Disponível em: <<https://youtu.be/GBjgY7SRlh4>>. Acesso em: 25 mai. 2020.

LYONS, J. **Linguagem e linguística**. 1 ed. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos Editora S.A., 1987.

MANHEIM, K. **Ideologia e utopia**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1986.

MARANHÃO, J. L. S. **O que é morte**. São Paulo: Brasiliense, 1996.

MARTÍNEZ, José. Carregador de caixão, uma profissão comum em Gana que virou meme internacional. **El País**, Madrid, 14 abr. 2020. Verne, p. 0-0. Disponível em: <<https://brasil.elpais.com/verne/2020-04-14/carregador-de-caixao-uma-profissao-comum-em-gana-que-virou-meme-internacional.html>>. Acesso em: 25 mai. 2020.

MARTINUZZO, J. A.; SANGALLI, H. L. J. O luto compartilhado no infoterritório: morte e intimidade transformadas no Facebook. **ECCOM**, v. 10, n. 19, p. 47-62, jan./jun. 2019. Disponível em: <<http://unifatea.com.br/seer3/index.php/ECCOM/article/view/952>>. Acesso em: 25 mai. 2020.

MUSSALIM, F.; BENTES, A. C.; **Introdução a linguística**: domínios e fronteiras. 2. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2001. p. 1-312.

NASCIMENTO, Eliana. Da porta do cemitério, famílias acompanham enterro de mortos por Covid-19 em Manaus e lamentam despedida à distância: 'Desumano'. G1, São Paulo, 24 abr. 2020. Amazonas. Disponível em: <<https://g1.globo.com/am/amazonas/noti>>

cia/2020/04/24/da-porta-do-cemiterio-familias-acompanham-enterro-de-mortos-por-covid-19-em-manauas-e-lamentam-despedida-a-distancia-desumano.shtml>. Acesso em: 25 mai. 2020.

O DRAMA do lado de fora do hospital. **ISTOÉ**, São Paulo, ed. 2625, 3 maio 2020. Disponível em: <<https://istoe.com.br/o-drama-do-lado-de-fora-do-hospital/>>. Acesso em: 25 mai. 2020.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE (Brasil). **Folha informativa – COVID-19 (doença causada pelo novo coronavírus)**. Brasília: OPAS, 24 jul. 2020. Disponível em: <https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=6101:-covid19&Itemid=875>. Acesso em: 24 jul. 2020.

PARKES, C. M. **Luto**: estudos sobre a perda na vida adulta. São Paulo: Summus, 1998.

PINKER, S. Language Acquisition. In: GLEITMAN, L. R.; LIBERMAN, M. (eds.). **An Invitation to Cognitive Science**. Cambridge: The MIT Press, 1995, v. I: Language, p. 135-182.

RIBEIRO, D. **O povo brasileiro**: a formação e o sentido do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

ROSA, M. C. **Introdução à (bio)linguística**: linguagem e mente. São Paulo: Contexto, 2018.

SAUSSURE, F. **Curso de linguística geral**. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes, Izidoro Blikstein. 27. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

SILVA, L. K. S. **“EU SEI QUE TE AMO”**: Análise crítica dos efeitos da linguagem persuasiva do romance “Os sofrimentos do Jovem Werther”. 2019. 47 p. (Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação) – Universidade Estadual de Goiás, Itapuranga, 2019.

SOARES, Guilherme. Enterro com dança em Gana que virou meme mostra que a morte é encarada de outra forma na cultura africana. **Alma Preta**, São Paulo, 6 maio 2020. Mama África, p. 0-0. Disponível em: <<https://almapreta.com/editorias/mama-africa/enterro-com-danca-em-gana-que-viceu-meme-mostra-que-a-morte-e-encarada-de-outra-forma-na-cultura-africana>>. Acesso em: 25 mai. 2020.

TV JORNAL. **Coronavírus: familiares não podem dar ‘último adeus’ a parentes mortos**. Recife: TV Jornal, 23 abr. 2020. Disponível em: <<https://tvjornal.ne10.uol.com.br/bronca-24-horas/2020/04/23/coronavirus-familiares-nao-podem-dar-ultimo-adeus-a-parentes-mortos-187507>>. Acesso em: 25 abr. 2020.

WORF, B. L. Science and Linguistics. In: CARROL, J. B. (ed.). **Language, Thought, and Reality**: Selected Writings of Benjamin Lee Whorf. Cambridge: The MIT Press, 1956, p. 207-219.